



Menas laranjas, de Kledir Ramil

Considero a nossa língua uma das mais fascinantes do planeta. Bem, talvez tenha que se levar em conta que é uma das poucas que conheço, mas independentemente da minha limitada capacidade de avaliação, posso garantir que é uma língua bonita, cheia de palavras interessantes e com uma sonoridade especial. O que talvez explique por que tantas canções em português viraram sucesso mundo afora.

Tanta beleza, é claro, só pode ser apreciada se ela for usada corretamente. O que é discutível, pois o “correto” é sempre uma avaliação de gosto pessoal – como essa que estou fazendo aqui – e pode trazer embutido um preconceito linguístico. Enfim, seguem meus comentários sobre coisas que me incomodam.

Você não deve dizer “seje”, por exemplo. Nem que seja num bate-papo de botequim.

Tampouco deve usar “esteje”. Mesmo que você já esteja na quarta cerveja e todo mundo “esteje” falando assim.

Se você for do sexo feminino e tiver trabalhando o dia inteiro, não pode falar pro namorado que não quer sair porque está “meia” cansada. Meia é aquilo que se usa no pé. Você provavelmente está “meio” cansada e, cá entre nós, deve estar cansada mesmo é do namorado. Porque quando a gente gosta de verdade, sempre encontra forças para um jantar a dois.

Se alguém falar “menas” laranjas, pode rir à vontade. A não ser que você esteja numa recepção mais formal e o equívoco tenha sido cometido pelo dono da casa. O que não é impossível de acontecer.

O R é uma letra traiçoeira, é preciso tomar cuidado. Anote aí: frustrado, cocrodilo, ededrom, largartixa, estrupo, cardarço. Tá tudo errado. Confira no dicionário.

Nunca diga “havam muitas pessoas no local”. O correto é usar o singular: “havia muitas pessoas”. Mesmo que fosse uma multidão. “Para mim gostar” é coisa de índio. Quem conjuga o verbo é o pronome pessoal reto: “Para eu gostar, para tu gostares, para ele gostar...”

Se você escutar alguma secretária falar “vou estar anotando o seu recado”, não se irrite. Use o bom humor e diga que vai “estar perdendo a paciência” se ela continuar falando assim. O gerundismo virou uma praga. Vem de traduções malfeitas do inglês e contaminou algumas áreas, principalmente o telemarketing.

A língua brasileira é mesmo fascinante. Produziu poemas e romances da melhor qualidade, mas, como tudo na vida, também tem suas estranhezas; Por exemplo: por que “embaixo” é uma palavra só é “em cima” são duas? Por que a gente bota a calça e calça a bota?



Por que as pessoas embarcam no avião, no carro, no trem e não apenas no barco? Por que “pois não” quer dizer sim e “pois sim” quer dizer não?

E a pergunta que não quer calar e me tira noites de sono: por que “tudo junto” é separado e “separado” é tudo junto?

Fonte: Ramil, Kledir. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.